

# ajuste econômico causa

**Washington** — O comitê interino do FMI — que formula a orientação política da instituição — reconheceu ontem, pela primeira vez, que os programas de austeridade econômica do Fundo poderão provocar estagnação e “instabilidade social e política” nos países endividados e pediu maior acesso desses países ao mercado financeiro e ao mercado interno das nações ricas.

Se fizeram concessões significativas no texto do comunicado do comitê interino, EUA, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental e Japão (que controlam a maioria dos votos no FMI) não cederam na parte principal: continuaram contra uma nova emissão de DES (Direitos Especiais de Saque — a “moeda” escritural do FMI, que vale pouco mais de um dólar), pedida pelos países endividados para aliviar a crise de liquidez internacional.

## Austeridade reafirmada

A emissão dos DES ficou para ser decidida na próxima reunião do comitê interino, a ser realizada em Washington, dia 22 de setembro. O Subsecretário do Tesouro, Robert McNamara, disse que os EUA poderão aceitar uma alocação de 15 bilhões de dólares em três anos nessa ocasião — apenas um terço do que os países em desenvolvimento vêm pedindo desde janeiro de 1982.

O comitê interino, que reuniu 22 Ministros de Estado representando todos os países filiados ao FMI, não deixou de reafirmar, porém, que os países endividados não podem pôr de lado suas políticas de ajustamento. O comunicado final da reunião deixou claro que as políticas patrocinadas pelo FMI são cruciais para a solução dos problemas de endividamento.

Para tornar possível a continuação desses programas, o comitê interino sublinhou a necessidade “urgente” de os países desenvolvidos corrigirem suas políticas econômicas, pois acha que elas voltaram a causar uma alta dos juros e o aumento do protecionismo no comércio internacional.

Contudo, uma fonte da equipe técnica do FMI reconheceu que o Fundo não tem meios de pressionar países que não estejam sob programa de ajuste econômico recomendado pela instituição. E comentou que os EUA têm dado pouca importância às recomendações do staff do FMI. Em seu discurso no Grupo dos 24 (países em desenvolvimento), do FMI, há dias, o Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, pediu ao Fundo que pressione os Estados Unidos para que reduzam seu déficit fiscal, que aumenta os juros.

— Por que nós somos capazes de reduzir nosso déficit e adotarmos políticas de austeridade e eles não? — indagou, na ocasião, Galvêas.

O comunicado do comitê interino fez diversas recomendações aos países desenvolvidos que, em última análise, pareciam endereçadas aos EUA. Expressou “grande preocupação sobre as possíveis conseqüências das recentes altas das taxas de juro” e afirmou que “em vários países a redução do déficit fiscal deveria ser considerada com urgência”.

Observou que a maioria dos países endividados conseguiu restabelecer o crescimento econômico em 1983, com seus esforços de ajustamento, mas notou que vários desses países reduziram seus déficits em conta corrente pela compressão das importações — vale dizer, através de uma recessão.